

Escola Politécnica-USP  
LARC



## Seminário NTT

### Resumo

O objetivo do seminário é apresentar a NTT e suas vantagens, para isso, parte-se da transformada de Fourier, em seguida, para a sua forma discreta (DFT) e chega-se na NTT propriamente dita. O que almejo com esse trabalho é passar a intuição por trás das ferramentas matemática utilizadas e beleza inerentes a elas.

# Contents

<b>1 A Dualidade entre Tempo e Frequência</b>	<b>2</b>
<b>2 Transformada de Fourier Contínua (CTFT)</b>	<b>2</b>
<b>3 Transformada Discreta de Fourier (DFT)</b>	<b>2</b>
3.1 Definição da IDFT . . . . .	3
<b>4 A Multiplicação de Polinômios e a Complexidade Computacional</b>	<b>4</b>
4.1 Teorema da Convolução . . . . .	5
<b>5 A "Fast Fourier Transform"</b>	<b>5</b>
5.1 Números complexos . . . . .	5
<b>6 Problemas da FFT</b>	<b>8</b>
<b>7 Number Theoretic Transform (NTT)</b>	<b>8</b>
7.1 Fundamentos . . . . .	8
7.1.1 Raiz Primitiva e Estrutura Negacíclica . . . . .	9
7.2 O Isomorfismo via Teorema Chinês dos Restos (CRT) . . . . .	12
7.3 Transformada Numérica Inversa (INTT) . . . . .	13
7.4 A NTT como uma FFT: Decomposição Radix-2 . . . . .	14
7.5 A INTT via Gentleman–Sande (GS): Reconstrução . . . . .	16
<b>8 Testes comparativos</b>	<b>18</b>
<b>9 NTT incompleta e a restrição de parâmetros no caso negacíclico</b>	<b>19</b>
<b>10 Agradecimentos</b>	<b>21</b>
<b>11 Apêndice</b>	<b>21</b>
11.1 DFT como transformação linear . . . . .	21
11.2 Exemplo de convolução negacíclica . . . . .	22
11.3 Determinação unívoca do polinômio . . . . .	24
11.4 Estrutura Cíclica de Grupos Multiplicativos de Corpos Finitos . . . . .	25

# 1 A Dualidade entre Tempo e Frequência

A Transformada de Fourier é uma operação matemática que mapeia uma função do domínio do tempo (ou espaço) para o seu domínio dual: a frequência. Essa transição é extremamente útil, pois propriedades que são complexas de analisar no tempo tornam-se claras no espectro de frequências.

Esta ferramenta é um pilar fundamental em diversas áreas do conhecimento:

- **Matemática Pura:** Essencial na Teoria Analítica dos Números e no estudo de Equações Diferenciais Parciais (EDPs).
- **Física Moderna:** É a base matemática do **Princípio da Incerteza de Heisenberg** na Mecânica Quântica, onde a posição e o momento de uma partícula formam um par de variáveis conjugadas de Fourier.
- **Engenharia:** Processamento de sinais, compressão de dados (MP3, JPEG) e telecomunicações.

## 2 Transformada de Fourier Contínua (CTFT)

Para uma função contínua  $g(t)$ , a transformada é definida pela integral:

$$\mathcal{F}(f) = \int_{-\infty}^{\infty} g(t)e^{-2\pi ift} dt$$

Elá pode ser entendida como um produto interno (uma projeção) do sinal com todas as frequências da reta real  $\langle g, e^{-2\pi ift} \rangle$ , que, devido à ortogonalidade das frequências diferentes e que funções bem comportadas podem ser decompostas em séries de autofunções  $e^{-2\pi ift}$ , consegue extrair exatamente as frequências do sinal. Apesar de sua elegância teórica, a CTFT apresenta desafios para a aplicação prática em sistemas digitais:

1. **Natureza Analítica:** A resolução de integrais impróprias exige uma manipulação simbólica que é difícil de implementar em computadores comuns.
2. **Limite Infinito:** A definição pressupõe que conhecemos o sinal de  $-\infty$  a  $+\infty$ , o que é impossível em cenários reais.
3. **Amostragem Finita:** Na prática, os sinais são capturados de forma discreta (amostras) e por um tempo limitado, o que torna a integral contínua inaplicável.

## 3 Transformada Discreta de Fourier (DFT)

Para viabilizar o processamento em computadores, utilizamos a **DFT** (*Discrete Fourier Transform*). Ela opera sobre uma sequência finita de  $N$  amostras, mapeando dados discretos no tempo para o domínio da frequência. Segundo o Teorema de Amostragem de Nyquist-Shannon [6], para que um sinal contínuo possa ser unicamente determinado a partir de suas amostras, a frequência de amostragem  $f_s$  deve ser superior ao dobro da maior

frequência  $f_{max}$  contida no sinal.  $f_s > 2f_{max}$ . Com essa restrição para a quantidade de amostras N em mente, a DFT é definida da seguinte forma:

$$X[k] = \sum_{n=0}^{N-1} x[n] e^{-i \frac{2\pi}{N} kn}$$

Para  $k = 0, 1, \dots, N - 1$ .

Diferente da versão contínua, a DFT lida com somatórios e vetores numéricos, permitindo que a teoria de Fourier seja aplicada em qualquer dispositivo digital. É possível provar que a DFT é uma transformação linear 11.1, logo, pode ser representada matricialmente.

Seja  $\zeta_N = e^{-i \frac{2\pi}{N}}$ . A representação matricial da DFT para  $n = 0, 1, \dots, N - 1$  é:

$$\begin{bmatrix} X[0] \\ X[1] \\ \vdots \\ X[N-1] \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & \cdots & 1 \\ 1 & \zeta_N^1 & \zeta_N^2 & \cdots & \zeta_N^{N-1} \\ 1 & \zeta_N^2 & \zeta_N^4 & \cdots & \zeta_N^{2(N-1)} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & \zeta_N^{N-1} & \zeta_N^{2(N-1)} & \cdots & \zeta_N^{(N-1)(N-1)} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x[0] \\ x[1] \\ \vdots \\ x[N-1] \end{bmatrix}$$

### 3.1 Definição da IDFT

A reconstrução do sinal original no domínio do tempo a partir de suas amostras de frequência é realizada pela IDFT:

$$x[n] = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} X[k] \zeta_N^{-nk}, \quad n = 0, 1, \dots, N - 1$$

Onde  $\zeta_N^{-nk} = e^{i \frac{2\pi}{N} nk}$ . Matricialmente, a IDFT é dada por:

$$\begin{bmatrix} x[0] \\ x[1] \\ x[2] \\ \vdots \\ x[N-1] \end{bmatrix} = \frac{1}{N} \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & \cdots & 1 \\ 1 & \zeta_N^{-1} & \zeta_N^{-2} & \cdots & \zeta_N^{-(N-1)} \\ 1 & \zeta_N^{-2} & \zeta_N^{-4} & \cdots & \zeta_N^{-2(N-1)} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & \zeta_N^{-(N-1)} & \zeta_N^{-2(N-1)} & \cdots & \zeta_N^{-(N-1)(N-1)} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} X[0] \\ X[1] \\ X[2] \\ \vdots \\ X[N-1] \end{bmatrix}$$

Percebe-se que nesse caso discreto, a DFT e IDFT atuam como uma matriz mudança de base, saindo da base do tempo e indo para base das raízes unitárias

Além disso, a DFT pode ser vista de outra óptica, como avaliação de polinômios.

Seja:

$$a(x) = \sum_{n=0}^{N-1} a_n x^n$$

e  $\zeta_N = e^{-i \frac{2\pi}{N}}$  Seja uma  $N$ -ésima raiz primitiva da unidade. Define

$$A_k := a(\zeta_N^k).$$

Então

$$A_k = \sum_{n=0}^{N-1} a_n (\zeta_N^k)^n = \sum_{n=0}^{N-1} a_n \zeta_N^{kn},$$

o que é exatamente a formulação da DFT, para  $a_n \equiv x[n]$  e  $A_n \equiv X[n]$ , oportamente, a IDFT é interpretada como interpolação de polinômios:

Dados os valores  $\{A_k\}_{k=0}^{N-1}$ , ela reconstrói os coeficientes  $\{a_n\}_{n=0}^{N-1}$  do único polinômio de grau  $N - 1$  que satisfaz  $a(\zeta_N^k) = A_k$  para todo  $k$ . Explicitamente,

$$a_n = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} A_k \zeta_N^{-kn}.$$

Assim, DFT é *avaliar* em raízes da unidade e IDFT é *interpolar* (recuperar os coeficientes) a partir dessas avaliações. (Essa perspectiva baseia-se na determinação unívoca do polinômio de grau  $N - 1$  por  $N$  pontos veja a seção 11.3 para demonstração desse fato)

## 4 A Multiplicação de Polinômios e a Complexidade Computacional

Um problema simplificado pela mudança de domínio é a multiplicação de polinômios. Tome os polinômios  $f(x)$  e  $g(x)$  de grau  $N - 1$ :

$$f(x) = \sum_{i=0}^{N-1} a_i x^i, \quad g(x) = \sum_{j=0}^{N-1} b_j x^j$$

Na abordagem clássica, o produto  $h(x) = f(x) \cdot g(x)$  é obtido distribuindo-se cada termo de  $f$  sobre todos os termos de  $g$ . Este processo resulta em um novo polinômio de grau  $2N - 2$ :

$$h(x) = \sum_{k=0}^{2N-2} c_k x^k$$

onde  $c_k = \sum_{i+j=k} a_i b_j$ .

Nesta metodologia, o cálculo de cada coeficiente  $c_k$  exige múltiplas operações de produto e soma, resultando em uma complexidade assintótica  $O(n^2)$ . Para polinômios com grandes volumes de coeficientes, este custo computacional torna o método inviável.

A conexão entre a multiplicação de polinômios e a análise de Fourier vem do fato de que, se  $h(x) = f(x)g(x)$ , então os coeficientes  $c_k$  de  $h$  são dados pela **convolução linear** dos coeficientes de  $f$  e  $g$ :

$$c_k = \sum_{i+j=k} a_i b_j.$$

Neste trabalho, devido ao foco na NTT e ao anel quociente  $\mathbb{Z}_p[x]/(x^N + 1)$ , trabalhamos com a **convolução negacíclica** (de comprimento  $N$ ), definida por:

$$c_k = \sum_{i=0}^k a_i b_{k-i} - \sum_{i=k+1}^{N-1} a_i b_{N+k-i}, \quad k = 0, \dots, N-1.$$

Diferente da circular, aqui os termos que “ultrapassam” o comprimento  $N$  retornam com sinal invertido.

## 4.1 Teorema da Convolução

**Teorema 1.** A transformada de uma convolução no domínio do tempo (ou espaço) é o produto ponto a ponto (Hadamard) das transformadas no domínio da frequência:

$$\mathcal{F}(f *_{\text{neg}} g) = \mathcal{F}(f) \odot \mathcal{F}(g).$$

Assim, o cálculo custoso da convolução é convertido em um produto ponto a ponto, pois a base de Fourier apropriada (utilizando as raízes de  $x^N + 1$ ) diagonaliza o operador de convolução negacíclica (matriz negacirculante). Com a transformada direta ingênuia, o custo ainda seria  $O(N^2)$ , portanto, não há ganho computacional em realizar essa transformação.

Um exemplo para o convencimento do leitor foi disposto no apêndice 11.2.

## 5 A ”Fast Fourier Transform”

A FFT (Fast Fourier Transform) é uma maneira de otimizar o cálculo da DFT.

O algoritmo da FFT foi redescoberto por Cooley e Tukey em 1965, uma vez que Gauss já tinha utilizado um algoritmo semelhante para calcular as órbitas de asteroides em 1805.

O algoritmo se baseia em **dividir para conquistar**.

---

### 5.1 Números complexos

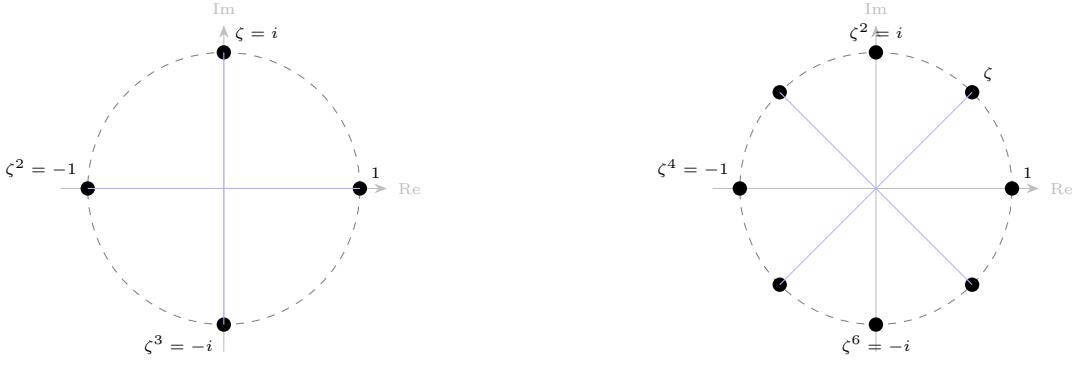
As raízes unitárias possuem propriedades cíclicas e certas simetrias que permitem a economia nos cálculos, vejamos um exemplo.

$$\zeta_4^1 = e^{-i\frac{2\pi}{4}} = e^{-i90^\circ} = -i$$

$$\zeta^1 = -i \qquad \zeta^2 = -1$$

$$\zeta^3 = i \qquad \zeta^4 = 1$$

por isso, percebe-se que, a cada 2 ”deslocamentos”, o valor se torna o oposto, como ilustrado na figura 1:



(a) 4-ésimas raízes da unidade

(b) 8-ésimas raízes da unidade

Figure 1: Comparação entre as raízes da unidade no plano complexo.

De forma mais geral:

$$\zeta_N = e^{\frac{-2\pi i}{N}}, \text{ uma raiz } N\text{-ésima primitiva da unidade. Então para todo inteiro } a,$$

$$\zeta_N^{a+\frac{N}{2}} = -\zeta_N^a.$$

Além de que, pela periodicidade  $\zeta_N^{a+N} = \zeta_N^a$  e  $\zeta_N^2 = \zeta_{N/2}$ , esta última pode ser vista na figura 1, onde  $\zeta_8^2 = \zeta_4$

Para esse caso a DFT é representada desse modo:

$$\begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & 1 \\ 1 & -i & -1 & i \\ 1 & -1 & 1 & -1 \\ 1 & i & -1 & -i \end{bmatrix}$$

Voltando à FFT, o algoritmo decompõe uma DFT de tamanho  $N$  em duas sub-transformadas de tamanho  $N/2$ , separando os índices pares e ímpares da sequência original:

$$X[k] = \sum_{m=0}^{\frac{N}{2}-1} x[2m] \zeta_N^{2mk} + \sum_{m=0}^{\frac{N}{2}-1} x[2m+1] \zeta_N^{(2m+1)k}$$

$$\text{Usando } \zeta_N^2 = \zeta_{N/2} : \quad \zeta_N^{2mk} = (\zeta_N^2)^{mk} = \zeta_{N/2}^{mk}$$

$$\begin{aligned} &= \sum_{m=0}^{\frac{N}{2}-1} x[2m] \zeta_{N/2}^{mk} + \zeta_N^k \sum_{m=0}^{\frac{N}{2}-1} x[2m+1] \zeta_{N/2}^{mk} \\ &= E[k] + \zeta_N^k O[k], \quad k = 0, \dots, \frac{N}{2} - 1. \end{aligned}$$

Esta estrutura permite calcular dois valores de saída ( $X[k]$  e  $X[k + N/2]$ ) utilizando os mesmos resultados intermediários, através da denominada **operação borboleta** (*butterfly operation*):

1.  $X[k] = E[k] + \zeta_N^k O[k]$
2.  $X[k + N/2] = E[k] - \zeta_N^k O[k]$

como pode ser visto na imagem 2

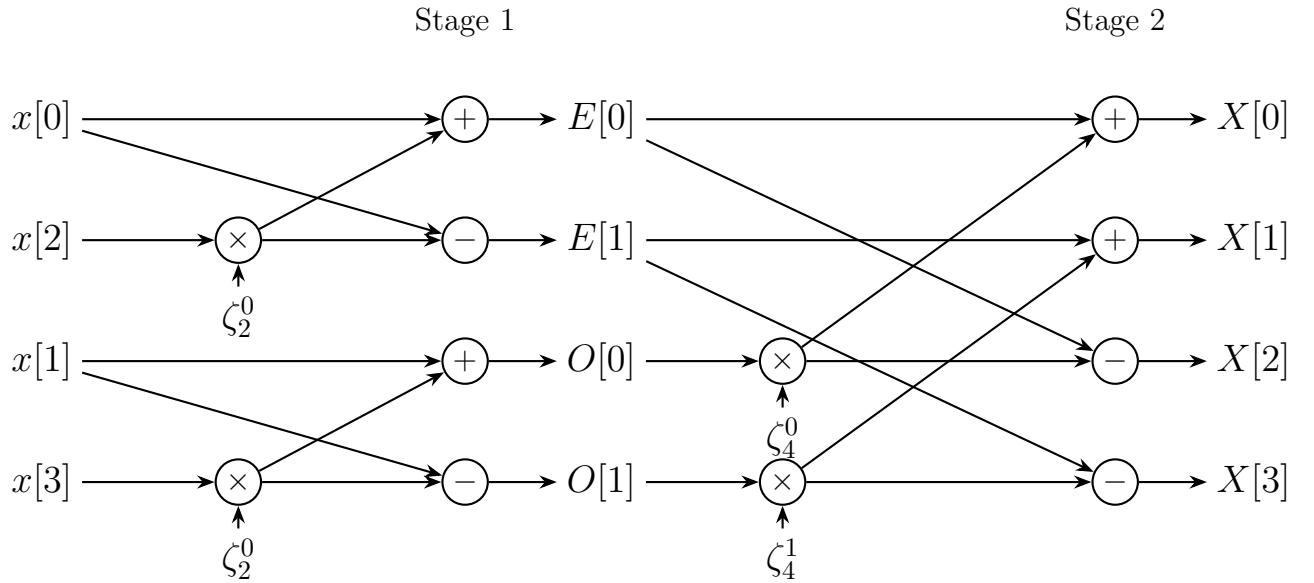


Figure 2: butterfly radix-2

A implementação em pseudocódigo no algoritmo 1

---

**Algorithm 1** Cooley–Tukey FFT

---

**Input:**  $x \in \mathbb{C}^N$ ,  $N = 2^m$   
**Output:**  $X = \text{DFT}(x)$

```

1: if  $N = 1$  then
2:   return  $x$ 
3: end if
4:  $x_e \leftarrow$  elementos pares de  $x$ 
5:  $x_o \leftarrow$  elementos ímpares de  $x$ 
6:  $X_e \leftarrow \text{FFT}(x_e)$ 
7:  $X_o \leftarrow \text{FFT}(x_o)$ 
8: for  $k = 0$  to  $N/2 - 1$  do
9:    $X[k] \leftarrow X_e[k] + \zeta_N^k X_o[k]$ 
10:   $X[k + N/2] \leftarrow X_e[k] - \zeta_N^k X_o[k]$ 
11: end for

```

---

Como a IDFT é praticamente idêntica à DFT, podemos usar o mesmo algoritmo da FFT para calcular a IFFT

---

**Algorithm 2** IFFT via FFT

---

**Input:**  $X \in \mathbb{C}^N$ **Output:**  $x = \text{IFFT}(X)$ 

- 1:  $Y \leftarrow \overline{X}$  ▷ i.e. o conjugado de X
  - 2:  $Z \leftarrow \text{FFT}(Y)$
  - 3:  $x \leftarrow \frac{1}{N} \cdot \overline{Z}$
  - 4: **return**  $x$
- 

Desse modo, reduzimos a complexidade da transformada de  $O(n^2) \rightarrow O(n \cdot \log n)$ . Por causa disso, podemos utilizar a FFT, junto com o **Teorema da convolução**, para multiplicar polinômios em  $O(n \cdot \log n)$

## 6 Problemas da FFT

Um dos problemas da FFT é que ela trabalha com ponto flutuante, o que, para computadores, é um grande problema que pode causar erros de arredondamento ou limitação nos cálculos. Além disso, na convolução linear, o polinômio dobra de tamanho a cada convolução, o que rapidamente torna-se um problema tanto computacional quanto de armazenamento.

Solução: utilizar uma transformada que utiliza apenas números exatos e realiza uma convolução (nega)cíclica

## 7 Number Theoretic Transform (NTT)

### 7.1 Fundamentos

---

As propriedades que usamos na FFT — em especial a existência de uma raiz  $N$ -ésima da unidade  $\zeta_N$  e o fato de que suas potências percorrem uniformemente o círculo — têm um análogo perfeito em teoria dos números, dentro de corpos (ou anéis) finitos. Isso não é coincidência: a DFT nada mais é do que a transformada de Fourier no grupo cíclico  $\mathbb{Z}/N\mathbb{Z}$ , e a mesma construção existe em outros contextos algébricos.

Mais formalmente, se  $\zeta_N$  é uma raiz  $N$ -ésima primitiva da unidade, então o conjunto de todas as  $N$ -ésimas raízes

$$\mu_N = \{1, \zeta_N, \zeta_N^2, \dots, \zeta_N^{N-1}\}$$

forma um grupo multiplicativo cíclico de ordem  $N$ . Existe um isomorfismo natural de grupos

$$\varphi : \mathbb{Z}/N\mathbb{Z} \rightarrow \mu_N, \quad \varphi([k]) = \zeta_N^k,$$

onde o lado esquerdo usa a soma módulo  $N$  e o lado direito usa multiplicação:

$$\varphi([k + \ell]) = \zeta_N^{k+\ell} = \zeta_N^k \zeta_N^\ell = \varphi([k]) \varphi([\ell]).$$

Assim, o grupo  $\mu_N$ , gerado pelas potências de  $\zeta_N$ , é uma realização “multiplicativa” do grupo cíclico  $\mathbb{Z}/N\mathbb{Z}$ : o isomorfismo  $[k] \mapsto \zeta_N^k$  mostra que somar módulo  $N$  corresponde exatamente

a multiplicar raízes  $N$ -ésimas da unidade. Portanto, estamos apenas vendo o mesmo grupo abstrato em duas roupagens diferentes, uma aditiva e outra multiplicativa.

### 7.1.1 Raiz Primitiva e Estrutura Negacíclica

Diferente da DFT complexa, onde raízes da unidade sempre existem para qualquer  $N$ , a NTT exige que o corpo finito  $\mathbb{Z}_p$ , isto é, os inteiros  $(\text{mod } p)$ , sendo  $p$  um primo, suporte a ordem da transformada.

Como  $p$  é primo, o conjunto  $\mathbb{Z}/p\mathbb{Z}$  forma um corpo, e portanto seus elementos não nulos formam um grupo multiplicativo

$$(\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$$

de cardinalidade  $p - 1$ . Além disso, esse grupo é cíclico (ver Apêndice 11.4), isto é, existe um gerador  $g$  tal que todo elemento não nulo pode ser escrito como uma potência de  $g$ .

Nesse contexto, dizer que existe uma raiz  $2N$ -ésima primitiva da unidade em  $\mathbb{Z}/p\mathbb{Z}$  significa exatamente dizer que existe um elemento  $\psi \in (\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$  com ordem  $\text{ord}(\psi) = 2N$  tal que  $\psi^{2N} \equiv 1 \pmod{p}$  e nenhuma potência menor vale 1.

Como em qualquer grupo finito a ordem de um elemento divide a ordem do grupo, necessariamente deve valer

$$2N \mid |(\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times| = p - 1.$$

Reciprocamente, como  $(\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$  é cíclico, para todo divisor  $d$  de  $p - 1$  existe um elemento de ordem exatamente  $d$ ; em particular, se  $2N \mid (p - 1)$  então existe  $\psi$  com  $\text{ord}(\psi) = 2N$ .

Concluímos, portanto, que existe uma raiz primitiva  $2N$ -ésima da unidade em  $\mathbb{Z}/p\mathbb{Z}$  se, e somente se,  $2N \mid (p - 1)$  (equivalentemente via teorema de Euler Totiente,  $p \equiv 1 \pmod{2N}$ ).

Dados esses critérios de existência, trataremos da estrutura algébrica da transformada. A NTT Negacíclica é definida no anel quociente

$$R = \frac{\mathbb{Z}_p[x]}{(x^N + 1)}$$

ou seja, há uma composição de operações modulares. (A imagem 3 ilustra a sequência das duas operações visualmente.)

Ela pode ser vista como a avaliação do polinômio nas raízes da equação  $x^N + 1 = 0$ , que correspondem às potências ímpares de  $\psi$ . A transformada é definida por:

$$X[k] = \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \psi^{(2k+1)n} \pmod{p}$$

Na forma matricial:

$$\mathbf{X} = \mathbf{W}_N \mathbf{x}, \quad \mathbf{x} = \begin{bmatrix} x_0 \\ x_1 \\ \vdots \\ x_{N-1} \end{bmatrix}$$

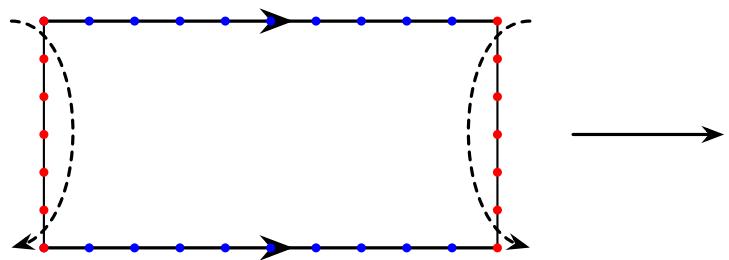
Neste caso, a matriz de transformação  $\mathbf{W}_N$  difere da versão cíclica padrão, pois seus coeficientes seguem a estrutura das raízes negacíclicas:

$$\mathbf{W}_N = \begin{bmatrix} 1 & \psi^1 & \psi^2 & \dots & \psi^{(N-1)} \\ 1 & \psi^3 & \psi^6 & \dots & \psi^{3(N-1)} \\ 1 & \psi^5 & \psi^{10} & \dots & \psi^{5(N-1)} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & \psi^{(2k+1)} & \psi^{(2k+1)2} & \dots & \psi^{(2k+1)(N-1)} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & \psi^{(2N-1)} & \psi^{(2N-1)2} & \dots & \psi^{(2N-1)(N-1)} \end{bmatrix}$$

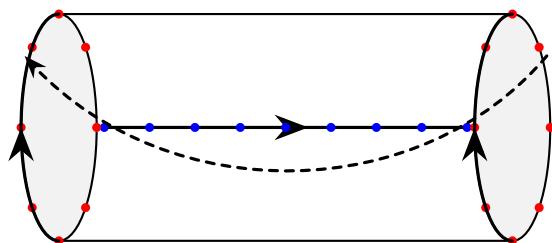
De forma geral, o termo na linha  $k$  e coluna  $n$  da matriz é dado por:

$$(\mathbf{W}_N)_{k,n} = \psi^{(2k+1)n} \pmod{p}, \quad 0 \leq k, n \leq N-1$$

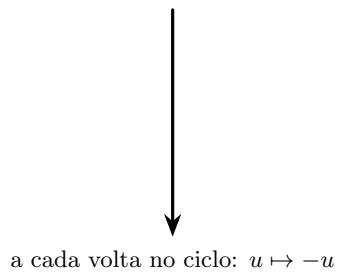
**1. Colar lados horizontais (módulo  $\mathbb{Z}_p$ )**



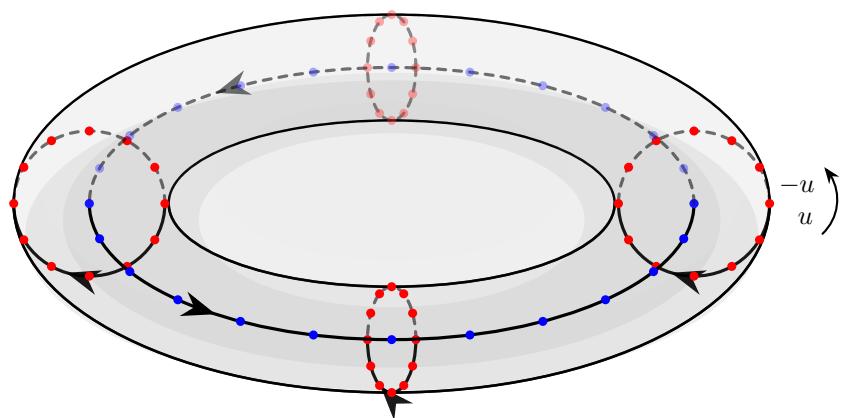
Obtém-se um cilindro



**2. Colar lados verticais (módulo  $(x^N + 1)$ )**



a cada volta no ciclo:  $u \mapsto -u$



**3. Obtém-se um Toro Discreto**

Figure 3: representação das transformações

## 7.2 O Isomorfismo via Teorema Chinês dos Restos (CRT)

A fundamentação algébrica da NTT reside na estrutura do anel quociente  $\mathbb{Z}_p[x]/(x^N + 1)$ . Já que  $x^N + 1$  fatora-se em  $N$  fatores lineares distintos e coprimos,

$$x^N + 1 = \prod_{k=0}^{N-1} (x - \psi^{2k+1}),$$

### Homomorfismo de avaliação e o isomorfismo local.

Para cada  $\alpha \in \mathbb{Z}_p$ , considere o mapa de avaliação

$$\text{ev}_\alpha : \mathbb{Z}_p[x] \rightarrow \mathbb{Z}_p, \quad \text{ev}_\alpha(a(x)) = a(\alpha).$$

Esse mapa é um *homomorfismo de anéis* (preserva soma e produto):

$$\text{ev}_\alpha(a + b) = \text{ev}_\alpha(a) + \text{ev}_\alpha(b), \quad \text{ev}_\alpha(ab) = \text{ev}_\alpha(a) \text{ev}_\alpha(b).$$

Além disso, seu núcleo é exatamente o ideal gerado por  $(x - \alpha)$ :

$$\ker(\text{ev}_\alpha) = (x - \alpha).$$

De fato, pela Divisão Euclidiana, qualquer  $a(x)$  pode ser escrito como

$$a(x) = q(x)(x - \alpha) + r$$

com  $r \in \mathbb{Z}_p$ , e avaliando em  $x = \alpha$  obtemos  $a(\alpha) = r$ , uma vez que  $(x - \alpha)$  zera. Logo  $a(\alpha) = 0$  se e somente se  $(x - \alpha) \mid a(x)$ . Pelo **Primeiro Teorema do Isomorfismo** para anéis,

$$\frac{\mathbb{Z}_p[x]}{(x - \alpha)} \cong \text{Im}(\text{ev}_\alpha) = \mathbb{Z}_p, \quad [a(x)] \longmapsto a(\alpha).$$

### O isomorfismo global do CRT como produto de avaliações.

Como os fatores  $(x - \psi^{2k+1})$  são coprimos dois a dois, o CRT fornece um isomorfismo de anéis

$$\Phi : \frac{\mathbb{Z}_p[x]}{(x^N + 1)} \xrightarrow{\cong} \prod_{k=0}^{N-1} \frac{\mathbb{Z}_p[x]}{(x - \psi^{2k+1})} \cong \underbrace{\mathbb{Z}_p \times \cdots \times \mathbb{Z}_p}_{N \text{ vezes}}.$$

E, crucialmente,  $\Phi$  é construído a partir dos homomorfismos de avaliação: a  $k$ -ésima componente é exatamente o homomorfismo  $\text{ev}_{\psi^{2k+1}}$  (passando ao quociente). Assim, para  $[a(x)] \in \mathbb{Z}_p[x]/(x^N + 1)$ ,

$$\Phi([a(x)]) = (a(\psi^1), a(\psi^3), \dots, a(\psi^{2N-1})) \in \mathbb{Z}_p^N.$$

**Multiplicação vira produto ponto a ponto.** Como cada  $\text{ev}_{\psi^{2k+1}}$  é homomorfismo e  $\Phi$  é isomorfismo de anéis,

$$\Phi([a(x)][b(x)]) = \Phi([a(x)]) \cdot \Phi([b(x)])$$

onde o produto do lado direito é componente a componente. Em particular, se  $C = \Phi([a(x)b(x)])$ , então

$$C_k = (ab)(\psi^{2k+1}) = a(\psi^{2k+1})b(\psi^{2k+1}).$$

Isso explica formalmente por que a multiplicação no quociente  $\mathbb{Z}_p[x]/(x^N + 1)$  (convolução negacíclica dos coeficientes) se traduz em um produto de Hadamard no domínio transformado.

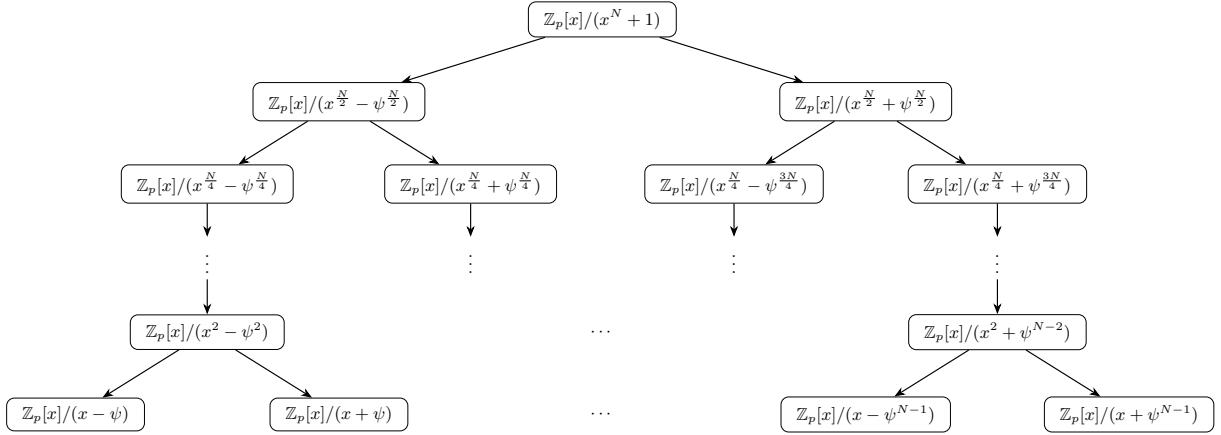


Figure 4: CRT da NTT Negacíclica

### 7.3 Transformada Numérica Inversa (INTT)

Como o Teorema Chinês dos Restos garante que a aplicação da NTT é um isomorfismo bijutor entre o anel de polinômios  $\mathbb{Z}_p[x]/(x^N + 1)$  e o domínio da frequência, existe uma transformação inversa única capaz de recuperar os coeficientes originais.

Denotamos a inversa multiplicativa de  $N$  no corpo  $\mathbb{Z}_p$  por  $N^{-1}$ , tal que  $N \cdot N^{-1} \equiv 1 \pmod{p}$ . A NTT Negacíclica Inversa (INTT) é definida formalmente por:

$$x[n] = N^{-1} \sum_{k=0}^{N-1} X[k] \psi^{-(2k+1)n} \pmod{p}$$

Note que o termo  $\psi^{-(2k+1)n}$  refere-se à potência do inverso multiplicativo da raiz.

### Representação Matricial

Na forma matricial, a operação de inversão corresponde à resolução do sistema linear  $\mathbf{X} = \mathbf{W}_N \mathbf{x}$ . A solução é dada por:

$$\mathbf{x} = \mathbf{W}_N^{-1} \mathbf{X}$$

Onde a matriz inversa  $\mathbf{W}_N^{-1}$  é definida como o inverso modular das potências ímpares de  $\psi$ , escalada pelo fator  $N^{-1}$ :

$$\mathbf{W}_N^{-1} = N^{-1} \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & \dots & 1 \\ 1 & \psi^{-3} & \psi^{-5} & \dots & \psi^{-(2N-1)} \\ 1 & \psi^{-6} & \psi^{-10} & \dots & \psi^{-2(2N-1)} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & \psi^{-(2k+1)} & \psi^{-2(2k+1)} & \dots & \psi^{-(N-1)(2k+1)} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & \psi^{-(2N-1)} & \psi^{-2(2N-1)} & \dots & \psi^{-(N-1)(2N-1)} \end{bmatrix}$$

De modo geral, o termo na linha  $n$  e coluna  $k$  da matriz inversa é:

$$(\mathbf{W}_N^{-1})_{n,k} = N^{-1} \psi^{-(2k+1)n} \pmod{p}$$

## 7.4 A NTT como uma FFT: Decomposição Radix-2

A eficiência da NTT negacíclica baseia-se na estratégia *dividir para conquistar*, análoga à FFT clássica (algoritmo de Cooley-Tukey). Em vez de avaliar diretamente um polinômio  $A(x)$  em  $N$  pontos, decomponemos o problema em dois subproblemas de tamanho  $N/2$  através da separação dos coeficientes em índices pares e ímpares.

### 1. Definições e Propriedades

Seja  $N = 2^m$  e  $p$  um primo tal que exista uma raiz primitiva  $\psi \in \mathbb{Z}_p^*$  de ordem  $2N$ . As propriedades fundamentais para a aritmética negacíclica são:

$$\psi^{2N} \equiv 1 \pmod{p} \quad \text{e} \quad \psi^N \equiv -1 \pmod{p}.$$

A NTT negacíclica consiste na avaliação do polinômio  $A(x)$  nas  $N$  raízes ímpares da unidade:

$$x_k = \psi^{2k+1}, \quad \text{para } k = 0, 1, \dots, N-1.$$

### 2. Decomposição do Polinômio (Decimation-in-Time)

Podemos reescrever  $A(x)$  separando os termos com potências pares e ímpares de  $x$ :

$$\begin{aligned} A(x) &= \sum_{i=0}^{N-1} a[i]x^i \\ &= \sum_{i=0}^{N/2-1} a[2i]x^{2i} + \sum_{i=0}^{N/2-1} a[2i+1]x^{2i+1} \\ &= \sum_{i=0}^{N/2-1} a[2i](x^2)^i + x \cdot \sum_{i=0}^{N/2-1} a[2i+1](x^2)^i. \end{aligned}$$

Definindo os polinômios auxiliares  $A_{\text{par}}(y)$  e  $A_{\text{ímpar}}(y)$  como as partes pares e ímpares, respectivamente, obtemos a relação recursiva:

$$A(x) = A_{\text{par}}(x^2) + x \cdot A_{\text{ímpar}}(x^2).$$

### 3. A Recursão e o Fator $\psi^2$

Ao avaliarmos essa expressão nos pontos  $x_k = \psi^{2k+1}$ , observamos o comportamento do termo quadrático:

$$x_k^2 = (\psi^{2k+1})^2 = \psi^{4k+2} = (\psi^2)^{2k+1}.$$

Isso revela que, para os subproblemas de tamanho  $N/2$ , a base da transformação torna-se  $\psi^2$ . Como a ordem de  $\psi$  é  $2N$ , a ordem de  $\psi^2$  é  $N$ , satisfazendo o requisito de raiz primitiva para o subgrupo de tamanho  $N/2$ .

Logo, os valores retornados pelas chamadas recursivas são:

$$Y_{\text{par}}[k] = A_{\text{par}}(x_k^2) \quad \text{e} \quad Y_{\text{impar}}[k] = A_{\text{impar}}(x_k^2).$$

### 4. A Borboleta (Butterfly) Negacíclica

Para recombinar os resultados e obter  $Y[k] = A(x_k)$ , exploramos a simetria das raízes. Lembre que, após a decomposição  $A(x) = A_{\text{par}}(x^2) + x A_{\text{impar}}(x^2)$ , avaliamos em

$$x_k = \psi^{2k+1}, \quad k = 0, 1, \dots, N-1,$$

de modo que

$$Y_{\text{par}}[k] = A_{\text{par}}(x_k^2), \quad Y_{\text{impar}}[k] = A_{\text{impar}}(x_k^2), \quad (0 \leq k < N/2).$$

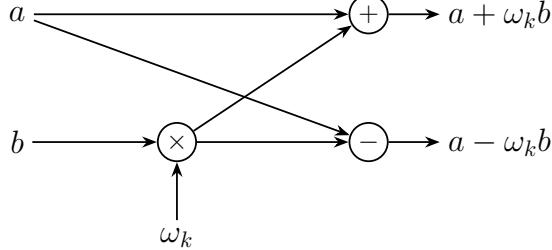
Para a primeira metade ( $0 \leq k < N/2$ ), a recombinação é direta. Para a segunda metade, usamos a simetria negacíclica das raízes ímpares:

$$x_{k+N/2} = \psi^{2(k+N/2)+1} = \psi^{2k+1} \cdot \psi^N = -\psi^{2k+1} = -x_k.$$

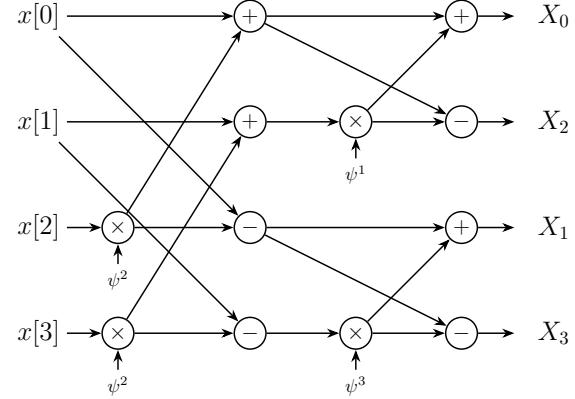
Assim, o termo  $x \cdot A_{\text{impar}}(x^2)$  apenas troca de sinal na segunda metade. As equações da borboleta tornam-se:

$Y[k] = Y_{\text{par}}[k] + x_k \cdot Y_{\text{impar}}[k] \pmod{p}$
$Y[k+N/2] = Y_{\text{par}}[k] - x_k \cdot Y_{\text{impar}}[k] \pmod{p}$

**Nota de Implementação:** Na prática, os valores  $x_k = \psi^{2k+1}$  não são recalculados por exponenciação. Percorremos as raízes ímpares multiplicando por  $\psi^2$  a cada passo: inicialize  $x \leftarrow \psi$  e atualize  $x \leftarrow x \cdot \psi^2$ , gerando  $(\psi^1, \psi^3, \psi^5, \dots)$ .



(a) Butterfly NTT



(b) Butterfly NTT 4

## 7.5 A INTT via Gentleman–Sande (GS): Reconstrução

Enquanto a transformação direta (NTT) utiliza *dividir para conquistar* separando coeficientes pares e ímpares, a transformação inversa (INTT) percorre o caminho oposto: combina resultados de subproblemas menores para recuperar o vetor original. O esquema de Gentleman–Sande pode ser visto como a versão “transposta” (em ordem de operações) da decomposição de Cooley–Tukey.

### 1. Paridade e o sistema linear local

Na NTT negacíclica por partição par/ímpar, escrevemos

$$A(x) = A_e(x^2) + x A_o(x^2), \quad A_e(t) = \sum_{i=0}^{N/2-1} a[2i]t^i, \quad A_o(t) = \sum_{i=0}^{N/2-1} a[2i+1]t^i.$$

A avaliação ocorre nos pontos ímpares  $x_k = \psi^{2k+1}$ ,  $k = 0, \dots, N-1$ . Denotando por  $Y_e[k] = A_e(x_k^2)$  e  $Y_o[k] = A_o(x_k^2)$  (retornados pela recursão), a combinação (borboleta direta) é:

$$\begin{cases} Y[k] = Y_e[k] + x_k Y_o[k], \\ Y[k+N/2] = Y_e[k] - x_k Y_o[k], \end{cases} \quad 0 \leq k < N/2.$$

Na etapa inversa, conhecemos  $Y[k]$  e  $Y[k+N/2]$  e queremos recuperar  $Y_e[k]$  e  $Y_o[k]$ .

### 2. A lógica da recuperação (inversão do 2×2)

Somando e subtraindo as equações acima, obtemos:

$$Y[k] + Y[k+N/2] = 2Y_e[k], \quad Y[k] - Y[k+N/2] = 2x_k Y_o[k].$$

Como  $p$  é primo ímpar, 2 é invertível em  $\mathbb{Z}_p$  e podemos escrever:

$$\begin{aligned} Y_e[k] &= 2^{-1}(Y[k] + Y[k+N/2]) \pmod{p}, \\ Y_o[k] &= 2^{-1}(Y[k] - Y[k+N/2]) x_k^{-1} \pmod{p}. \end{aligned}$$

Assim, a borboleta inversa recupera os dois vetores de entrada do nível, que então alimentam as recursões de tamanho  $N/2$ .

### 3. Por que a recursão usa $\psi^2$ novamente

Na ida, ao avaliar em  $x_k = \psi^{2k+1}$ , temos

$$x_k^2 = (\psi^{2k+1})^2 = \psi^{4k+2} = (\psi^2)^{2k+1},$$

ou seja, os subproblemas são novamente NTTs negacíclicas em  $N/2$  pontos ímpares, mas agora com parâmetro  $\psi^2$ . Na volta, o mesmo vale: após aplicar a borboleta inversa no nível corrente, chamamos recursivamente a INTT nos blocos correspondentes usando  $\psi^{-2}$ .

### 4. Ordem das operações: CT vs GS

A diferença estrutural entre as duas direções pode ser resumida assim:

1. Na **Ida (CT / DIT)**, primeiro resolvemos recursivamente e *depois* combinamos com o fator  $x_k$ .
2. Na **Volta (GS)**, primeiro desfazemos a combinação local (somar/subtrair e multiplicar por  $x_k^{-1}$ ) e *depois* prosseguimos recursivamente.

*Nota de implementação:* o fator  $2^{-1}$  pode ser acumulado ao longo das camadas e aplicado como um único fator global  $N^{-1}$  ao final, reduzindo o número de multiplicações escalares. Além disso, para evitar criar uma variável dedicada ao *twiddle factor*, usa-se diretamente  $x_k^{-1}$  (ou o valor já pré-computado em uma tabela de potências) no ponto em que a multiplicação é necessária.

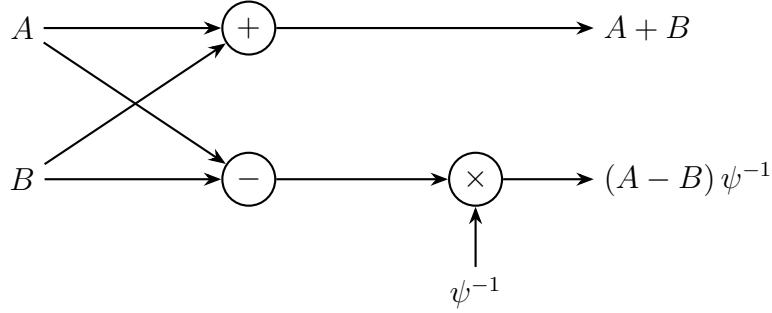


Figure 6: Butterfly INTT

A implementa da NTT negacíclica está no pseudocódigo a seguir

---

Algorithm 3: NTT Negacíclica (CT)

```

Input:  $a \in \mathbb{Z}_p^N$  (Coeficientes de entrada)
Input:  $N = 2^m$  e Módulo  $p$ 
Input:  $\psi$ : Raiz primitiva  $2N$ -ésima da unidade
1:  $len \leftarrow N/2$ 
2: for  $l \leftarrow m - 1$  down to 0 do
3:    $num\_gr \leftarrow 2^{m-1-l}$ 
4:   for  $i \leftarrow 0$  to  $num\_gr - 1$  do
5:      $\zeta \leftarrow \psi^{\text{brv}_m(num\_gr+i)}$ 
6:     for  $j \leftarrow i \cdot 2^{l+1}$  to ... +  $2^l - 1$  do
7:        $t_0 \leftarrow a[j]$ 
8:        $t_1 \leftarrow \zeta \cdot a[j + 2^l] \pmod p$ 
9:        $a[j] \leftarrow t_0 + t_1 \pmod p$ 
10:       $a[j + 2^l] \leftarrow t_0 - t_1 \pmod p$ 
11:
12:    end for
13:
14:  end for
15:
16: end for
17: return  $a$  (bit-reversed)

```

---



---

Algorithm 4: INTT (GS)

```

Input:  $\hat{a}$  (Vetor em ordem bit-reversed)
Input:  $N = 2^m$  e Módulo  $p$ 
Input:  $\psi$ : Raiz primitiva  $2N$ -ésima da unidade
1: for  $l \leftarrow 0$  to  $m - 1$  do
2:    $num\_gr \leftarrow 2^{m-1-l}$ 
3:   for  $i \leftarrow 0$  to  $num\_gr - 1$  do
4:      $\zeta \leftarrow \psi^{-\text{brv}_m(num\_gr+i)}$ 
5:     for  $j \leftarrow i \cdot 2^{l+1}$  to ... +  $2^l - 1$  do
6:        $t_0 \leftarrow a[j]$ 
7:        $t_1 \leftarrow a[j + 2^l]$ 
8:        $a[j] \leftarrow t_0 + t_1 \pmod p$ 
9:        $a[j + 2^l] \leftarrow (t_0 - t_1)\zeta \pmod p$ 
10:      end for
11:    end for
12:  end for
13:   $invN \leftarrow N^{-1} \pmod p$ 
14:  for  $i \leftarrow 0$  to  $N - 1$  do
15:     $a[i] \leftarrow a[i] \cdot invN$ 
16:  end for
17: return  $a$  (Ordem normal)

```

---

## 8 Testes comparativos

A comparação computacional dessas ferramentas pode ser vista na tabela a seguir, onde calculou-se o maior número de Fibonacci obtido em menos de um segundo. Todos os testes foram executados em single-core.

Nos algoritmos da FFT e da NTT, o  $n$ -ésimo número de Fibonacci foi calculado pela seguinte relação:

$$\begin{bmatrix} F_{n+1} \\ F_n \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix}^n \cdot \begin{bmatrix} F_1 \\ F_0 \end{bmatrix}$$

sendo a multiplicação que ocorre tanto na exponenciação quanto no produto interno foram otimizadas com o devido método.

Além disso, como o foco foi apenas em comparar a velocidade dos métodos, utilizou-se de scripts para a geração de macros com os valores das raízes primitivas, raízes da unidade, entre outras constantes; para mais informações, veja o repositório.

(GMP é uma biblioteca otimizada para operações com inteiros extremamente grandes)

**Setup:**

**CPU:** 13th Gen Intel(R) Core(TM) i7-1365U (12) @ 5.20 GHz

**GPU:** Intel UHD Graphics @ 1.30 GHz [Integrated]

Algoritmo	$n$ -ésimo nº de Fibonacci
Algoritmo Naive	44
Algoritmo iterado	566'053
Algoritmo FFT	3'145'816
Algoritmo NTT	24'178'839
Algoritmo GMP	238'961'323

fonte: <https://github.com/Sheafification0fG/Fibsonisheaf>

## 9 NTT incompleta e a restrição de parâmetros no caso negacíclico

Na multiplicação negacíclica de polinômios no anel

$$\mathbb{Z}_p[x]/(x^N + 1),$$

com  $N$  potência de dois, a utilização de uma **NTT completa** exige a existência de uma raiz primitiva de ordem  $2N$  módulo  $p$ . Quando  $p$  é primo, essa condição é equivalente a

$$p \equiv 1 \pmod{2N}.$$

Em aplicações criptográficas baseadas em reticulados, em especial em esquemas de Fully Homomorphic Encryption, o valor de  $N$  é tipicamente muito grande. Como consequência, a condição acima impõe fortes restrições sobre a escolha do primo  $p$ , frequentemente forçando o uso de módulos grandes ou pouco flexíveis, o que impacta tanto a eficiência quanto o ajuste fino de parâmetros de segurança.

Uma forma natural de relaxar essa restrição é empregar a chamada **NTT  $\ell$ -incompleta**. A ideia consiste em interromper o algoritmo da NTT antes de executar todos os  $\log_2 N$  estágios do esquema radix-2. Mais precisamente, ao parar após  $\log_2 N - \ell$  estágios, a existência da transformada passa a requerer apenas uma raiz da unidade de ordem  $2N/2^\ell$  em  $\mathbb{Z}_p$ , o que resulta na condição mais fraca

$$p \equiv 1 \pmod{2N/2^\ell}.$$

Dessa forma, o conjunto de primos admissíveis torna-se significativamente maior, permitindo escolhas de parâmetros mais flexíveis.

Do ponto de vista algébrico, a NTT  $\ell$ -incompleta não avalia o polinômio em todas as  $N$  raízes da unidade, mas o mapeia para um vetor de  $N/2^\ell$  polinômios de menor grau, cada um pertencente a um quociente do tipo

$$\mathbb{Z}_p[x]/(x^{2^\ell} - \psi_i),$$

onde  $\psi_i$  são potências apropriadas da raiz disponível. A multiplicação passa então a ser realizada componente a componente nesses anéis menores, seguida de uma transformada inversa incompleta.

O principal custo adicional desse método está na *multiplicação de base* dentro dos anéis  $\mathbb{Z}_p[x]/(x^{2^\ell} - \psi_i)$ , que, para valores maiores de  $\ell$ , tende a ser implementada por algoritmos quadráticos. No entanto, o trabalho de Paiva et al. [7] mostra que, no contexto de bootstrapping amortizado para esquemas do tipo FHEW/TFHE, esse custo pode ser eliminado. Os autores reformulam a NTT inversa como o produto de duas matrizes de borboleta (controladas por um parâmetro de divisão  $\alpha$ ) e demonstram que a multiplicação de base da NTT incompleta pode ser *incorporada* ao primeiro estágio dessa decomposição matricial, sem aumento no número assintótico de operações.

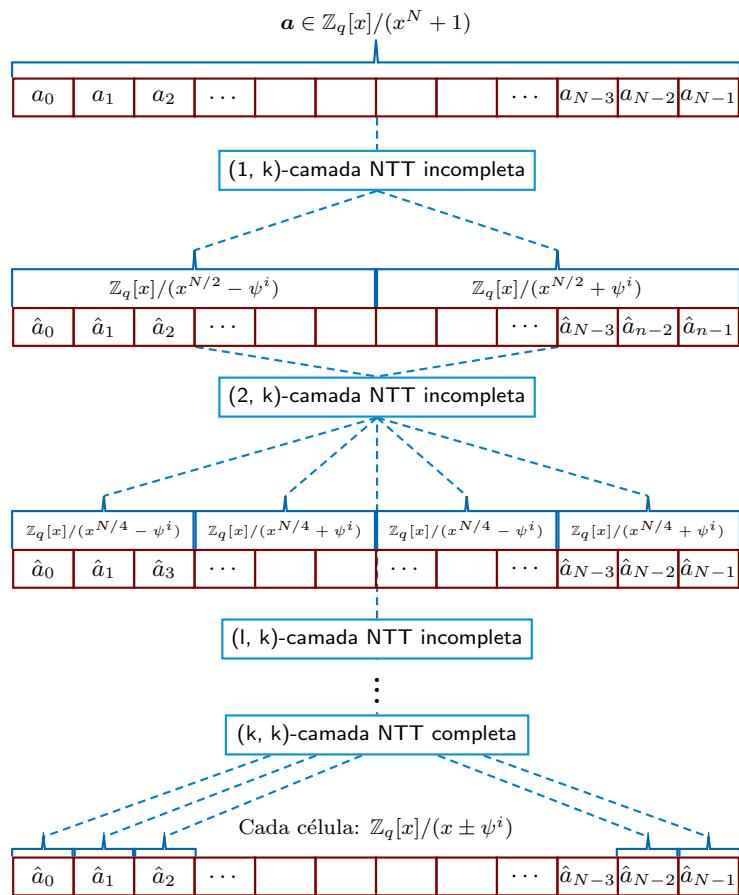


Figure 7: árvore de fracionamento da NTT

Como resultado, obtém-se o que os autores denominam “*NTT incompleta gratuita*”: para valores moderados de  $\ell$ , é possível relaxar substancialmente a condição sobre o primo  $p$  sem penalidade computacional relevante, ao mesmo tempo em que se ampliam as opções de parâmetros e se melhora o compromisso entre desempenho e taxa de falha (decryption failure rate).

## 10 Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao professor doutor *Thales Paiva* pela chance de apresentar o seminário e pelos ensinamentos, gostaria de agradecer também o professor doutor *João Fernando da Cunha Nariyoshi* por esclarecer algumas dúvidas sobre a parte da matemática pura. Foi realmente divertido pesquisar, escrever, desenhar e animar para esse seminário.

## 11 Apêndice

### 11.1 DFT como transformação linear

Seja  $\zeta = e^{-2\pi i/N}$  uma raiz primitiva  $N$ -ésima da unidade. Definimos a Transformada Discreta de Fourier (DFT) como a operação que mapeia um sinal discreto  $x[n]$  de comprimento  $N$  em uma sequência  $X[k]$  no domínio da frequência, dada por:

$$X[k] = \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \zeta^{kn}, \quad k = 0, 1, \dots, N-1.$$

**Teorema 2.** *A Transformada Discreta de Fourier é uma transformação linear. Ou seja, para quaisquer sinais  $x[n], y[n]$  e escalares  $a, b \in \mathbb{C}$ , vale:*

$$\text{DFT}(ax + by) = a \text{DFT}(x) + b \text{DFT}(y).$$

*Demonstração.* Sejam  $x[n]$  e  $y[n]$  dois sinais e  $a, b \in \mathbb{C}$  constantes. Definimos a combinação linear  $z[n] = a x[n] + b y[n]$ . Aplicando a definição da DFT ao sinal  $z[n]$ , obtemos  $Z[k]$ :

$$Z[k] = \sum_{n=0}^{N-1} z[n] \zeta^{kn} = \sum_{n=0}^{N-1} (a x[n] + b y[n]) \zeta^{kn}.$$

Pela propriedade distributiva do somatório e pela linearidade da soma em  $\mathbb{C}$ :

$$Z[k] = \sum_{n=0}^{N-1} a x[n] \zeta^{kn} + \sum_{n=0}^{N-1} b y[n] \zeta^{kn}.$$

Como os escalares  $a$  e  $b$  não dependem do índice da soma  $n$ , podemos fatorá-los para fora dos somatórios:

$$Z[k] = a \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \zeta^{kn} + b \sum_{n=0}^{N-1} y[n] \zeta^{kn}.$$

Reconhecendo as expressões dentro dos somatórios como as definições de  $X[k]$  e  $Y[k]$ , respectivamente, concluímos que:

$$Z[k] = a X[k] + b Y[k].$$

Portanto, a relação de linearidade é satisfeita para cada componente  $k$ , o que prova que a DFT é uma transformação linear.  $\square$

## 11.2 Exemplo de convolução negacíclica

Sejam dois sinais  $x$  e  $y$  de comprimento  $N = 3$ :

$$x = \begin{bmatrix} 1 \\ 2 \\ 0 \end{bmatrix}, \quad y = \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \\ 1 \end{bmatrix}$$

Neste contexto, a frequência fundamental não é a raiz da unidade, mas sim a raiz de  $x^N + 1 = 0$ . Seja  $\psi$  tal que  $\psi^N = -1$ . Para  $N = 3$ , temos  $\psi^3 = -1$ .

### Método 1: Convolução no Tempo (Matriz Negacirculante)

A convolução negacíclica  $z = x *_{\text{neg}} y$  equivale à multiplicação de uma matriz negacirculante  $H_x$  pelo vetor  $y$ . Note que os elementos que “dão a volta” (acima da diagonal principal) têm sinal invertido:

$$H_x = \begin{bmatrix} x[0] & -x[2] & -x[1] \\ x[1] & x[0] & -x[2] \\ x[2] & x[1] & x[0] \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 0 & -2 \\ 2 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 1 \end{bmatrix}$$

Calculando  $z = H_x y$ :

$$z = \begin{bmatrix} 1 & 0 & -2 \\ 2 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \\ 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1(1) + 0 - 2(1) \\ 2(1) + 0 + 0 \\ 0 + 0 + 1(1) \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -1 \\ 2 \\ 1 \end{bmatrix}$$

### Método 2: Diagonalização (Domínio da Frequência)

A matriz negacirculante  $H_x$  é diagonalizada por uma variante da DFT que utiliza potências ímpares de  $\psi$  (raízes de  $x^N + 1$ ). Matematicamente:

$$H_x = \mathcal{F}^{-1} \Lambda_x \mathcal{F}$$

onde  $\Lambda_x$  contém os autovalores de  $H_x$ , que correspondem à avaliação do polinômio  $x(z)$  nas raízes de  $z^N = -1$ .

Para verificar os autovalores (o espectro de  $x$ ), calculamos o polinômio característico de  $H_x$ :

$$\det(H_x - \lambda I) = 0 \implies \det \begin{bmatrix} 1 - \lambda & 0 & -2 \\ 2 & 1 - \lambda & 0 \\ 0 & 2 & 1 - \lambda \end{bmatrix} = 0$$

Expandindo o determinante (regra de Sarrus):

$$(1 - \lambda)^3 - (2)(2)(2) = 0 \implies (1 - \lambda)^3 = 8$$

As raízes para  $(1 - \lambda)$  são as raízes cúbicas de 8. Sabemos que  $8 = 8 \cdot 1$ , mas no contexto complexo as raízes são  $2, 2\zeta_3$  e  $2\zeta_3^2$ . Logo:

$$\begin{aligned} 1 - \lambda_0 &= 2 \implies \lambda_0 = -1 \\ 1 - \lambda_1 &= 2\zeta_3 \implies \lambda_1 = 1 - 2\zeta_3 \\ 1 - \lambda_2 &= 2\zeta_3^2 \implies \lambda_2 = 1 - 2\zeta_3^2 \end{aligned}$$

Estes valores  $\lambda_k$  correspondem à Transformada Negacíclica (NTT sobre  $x^N + 1$ ) do vetor  $x$ , permitindo calcular a convolução via produto ponto a ponto.

### Verificação do Autovetor

Verificamos agora se o autovetor  $v_1$  da base Negacíclica (coluna de  $\mathcal{F}^{-1}$  associada à raiz  $\psi$ ), dado por  $v_1 = [1, \psi^{-1}, \psi^{-2}]^T = [1, -\psi^2, -\psi]^T$ , satisfaz  $H_x v_1 = \lambda_1 v_1$ .

Lado esquerdo ( $H_x v_1$ ):

$$\begin{bmatrix} 1 & 0 & -2 \\ 2 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 \\ -\psi^2 \\ -\psi \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 + 2\psi \\ 2 - \psi^2 \\ -2\psi^2 - \psi \end{bmatrix}$$

Lado direito ( $\lambda_1 v_1$ ), onde o autovalor é  $\lambda_1 = x(\psi) = 1 + 2\psi$ :

$$(1 + 2\psi) \begin{bmatrix} 1 \\ -\psi^2 \\ -\psi \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 + 2\psi \\ -\psi^2 - 2\psi^3 \\ -\psi - 2\psi^2 \end{bmatrix}$$

Utilizando a propriedade  $\psi^3 = -1$ , simplificamos o termo do meio:  $-\psi^2 - 2(-1) = 2 - \psi^2$ . A igualdade é satisfeita, confirmando que as raízes de  $x^N + 1$  geram a base natural de  $H_x$ .

### Representação Matricial da Diagonalização

Primeiro, calculamos os vetores transformados  $X = \text{NTT}(x)$  e  $Y = \text{NTT}(y)$  avaliando os polinômios nas raízes de  $z^3 = -1$ :

$$X = \begin{bmatrix} x(-1) \\ x(\psi) \\ x(\psi^2) \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -1 \\ 1 + 2\psi \\ 1 + 2\psi^2 \end{bmatrix}, \quad Y = \begin{bmatrix} y(-1) \\ y(\psi) \\ y(\psi^2) \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2 \\ 1 + \psi^2 \\ 1 + \psi^4 \end{bmatrix}$$

\*Nota:  $y(\psi) = 1 + 0\psi + 1\psi^2$ . Para o terceiro termo, usamos  $\psi^4 = -\psi$ , logo  $1 - \psi$ .

Agora, construímos a matriz diagonal  $\Lambda_x = \text{diag}(X)$ . A operação de convolução no domínio da frequência ( $Z = \Lambda_x Y$ ) torna-se:

$$\mathbf{Z} = \underbrace{\begin{bmatrix} -1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 + 2\psi & 0 \\ 0 & 0 & 1 + 2\psi^2 \end{bmatrix}}_{\text{Matriz Diagonal } (\Lambda_x)} \begin{bmatrix} 2 \\ 1 + \psi^2 \\ 1 - \psi \end{bmatrix}$$

Executando o produto ponto a ponto:

$$\mathbf{Z} = \begin{bmatrix} -2 \\ (1+2\psi)(1+\psi^2) \\ (1+2\psi^2)(1-\psi) \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -2 \\ 1 + \psi^2 + 2\psi + 2\psi^3 \\ 1 - \psi + 2\psi^2 - 2\psi^3 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -2 \\ -1 + 2\psi + \psi^2 \\ 3 - \psi + 2\psi^2 \end{bmatrix}$$

\*Simplificações usando  $\psi^3 = -1$ .

### Retorno ao Tempo (INTT)

Finalmente, aplicamos a transformada inversa. O vetor resultante  $z$  deve coincidir com o cálculo temporal  $[-1, 2, 1]^T$ . Ao reconstruir o polinômio  $z(\omega)$  a partir dos valores em  $\mathbf{Z}$ , obtemos os coeficientes:

$$z = \text{INTT}(\mathbf{Z}) = \begin{bmatrix} -1 \\ 2 \\ 1 \end{bmatrix}$$

Isso verifica que:

$$z(\psi) = -1 + 2\psi + \psi^2$$

O que coincide exatamente com o segundo elemento do vetor  $\mathbf{Z}$  calculado acima, fechando o ciclo da prova numérica.

### 11.3 Determinação unívoca do polinômio

**Teorema 3** (Unicidade via matriz de Vandermonde). *Sejam  $x_0, \dots, x_{N-1}$  escalares dois a dois distintos em um corpo  $\mathbb{K}$  (e.g.,  $\mathbb{R}, \mathbb{C}, \mathbb{F}_p$ ), e Sejam  $y_0, \dots, y_{N-1} \in \mathbb{K}$ . Existe um único polinômio  $p(x) = a_0 + a_1x + \dots + a_{N-1}x^{N-1} \in \mathbb{K}[x]$  tal que  $p(x_i) = y_i$  para todo  $i = 0, \dots, N-1$ .*

*Demonstração.* Escreva  $p(x) = \sum_{k=0}^{N-1} a_k x^k$ . Impor as condições  $p(x_i) = y_i$  para  $i = 0, \dots, N-1$  gera o sistema linear

$$\begin{bmatrix} 1 & x_0 & x_0^2 & \cdots & x_0^{N-1} \\ 1 & x_1 & x_1^2 & \cdots & x_1^{N-1} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & x_{N-1} & x_{N-1}^2 & \cdots & x_{N-1}^{N-1} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} a_0 \\ a_1 \\ \vdots \\ a_{N-1} \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} y_0 \\ y_1 \\ \vdots \\ y_{N-1} \end{bmatrix}.$$

Denote essa matriz por  $V$  (matriz de Vandermonde,i.e.  $V_{i,j} = x_i^{j-1}$  para todo os índices i,j), o vetor de coeficientes por  $a$  e o vetor de valores por  $y$ ; então o sistema é

$$Va = y.$$

O determinante de Vandermonde é dado por

$$\det(V) = \prod_{0 \leq i < j \leq N-1} (x_j - x_i).$$

Como os  $x_i$  são dois a dois distintos, temos  $x_j - x_i \neq 0$  para  $i \neq j$ , logo  $\det(V) \neq 0$ . Portanto,  $V$  é invertível e o sistema  $Va = y$  tem **solução única**, dada por

$$a = V^{-1}y.$$

Concluímos que existe um único vetor de coeficientes  $(a_0, \dots, a_{N-1})$ , isto é, um **único** polinômio  $p(x)$  de grau  $\leq N - 1$  que interpola os  $N$  pontos.  $\square$

## 11.4 Estrutura Cíclica de Grupos Multiplicativos de Corpos Finitos

Neste apêndice, justificamos a afirmação de que o grupo multiplicativo  $(\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$  é cíclico e analisamos a existência de elementos com ordens específicas, fundamentando a existência de raízes primitivas da unidade necessárias para a definição da Transformada.

### Ciclicidade de $(\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$

Seja  $\mathbb{K}$  um corpo finito. O teorema a seguir estabelece que seu grupo multiplicativo é cíclico. No contexto do trabalho, aplicamos isso para  $\mathbb{K} = \mathbb{Z}/p\mathbb{Z}$ .

**Teorema 4.** *Seja  $\mathbb{K}$  um corpo finito. Então o grupo multiplicativo  $\mathbb{K}^\times = \mathbb{K} \setminus \{0\}$  é um grupo cíclico.*

*Demonstração.* Seja  $n = |\mathbb{K}^\times|$  a ordem do grupo. Sendo  $\mathbb{K}^\times$  um grupo abeliano finito, Seja  $m$  a ordem máxima dentre os elementos de  $\mathbb{K}^\times$ . Uma propriedade fundamental de grupos abelianos finitos garante que a ordem de qualquer elemento do grupo divide a ordem máxima  $m$ .

Portanto, para todo  $x \in \mathbb{K}^\times$ , temos que:

$$x^m = 1.$$

Considere agora o polinômio  $f(x) = x^m - 1$  com coeficientes no corpo  $\mathbb{K}$ . Sabemos que um polinômio de grau  $m$  sobre um corpo possui, no máximo,  $m$  raízes distintas.

No entanto, acabamos de ver que todos os  $n$  elementos de  $\mathbb{K}^\times$  satisfazem a equação  $x^m - 1 = 0$ . Logo, o polinômio tem  $n$  raízes. Para que isso não viole o limite de raízes, devemos ter necessariamente:

$$n \leq m.$$

Por outro lado, pelo Teorema de Lagrange, a ordem de qualquer elemento (incluindo o elemento de ordem máxima  $m$ ) deve dividir a ordem do grupo ( $n$ ). Logo,  $m \leq n$ .

Concluímos que  $m = n$ . Isso significa que existe um elemento em  $\mathbb{K}^\times$  cuja ordem é igual à ordem do grupo. Tal elemento é, por definição, um gerador de  $\mathbb{K}^\times$ . Portanto, o grupo é cíclico.  $\square$

### Existência de Elementos de Ordem $d$

Tendo estabelecido que  $G = (\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$  é cíclico de ordem  $p - 1$ , justificamos a recíproca mencionada no texto principal: para todo divisor da ordem do grupo, existe um elemento com aquela ordem.

**Proposição 1.** *Seja  $G$  um grupo cíclico finito de ordem  $M$ , gerado por  $g$ . Se  $d$  é um divisor de  $M$ , então existe um elemento em  $G$  com ordem exatamente  $d$ .*

*Demonstração.* Como  $d \mid M$ , podemos escrever  $M = d \cdot k$  para algum inteiro  $k$ . Considere o elemento  $h = g^k$ . Calculando as potências de  $h$ :

$$h^d = (g^k)^d = g^{kd} = g^M = 1_G.$$

Portanto, a ordem de  $h$  divide  $d$ . Para ver que a ordem é exatamente  $d$ , suponha que  $h^r = 1$  para  $0 < r < d$ . Então:

$$(g^k)^r = g^{kr} = 1.$$

Como a ordem de  $g$  é  $M$ , isso implicaria que  $M \mid kr$ , ou seja,  $dk \mid kr$ , o que implica  $d \mid r$ . Isso contradiz  $r < d$ .

Logo,  $\text{ord}(h) = d$ . □

Aplicando ao contexto do texto principal: como  $G = (\mathbb{Z}/p\mathbb{Z})^\times$  tem ordem  $M = p - 1$ , se impusermos a condição  $2N \mid (p - 1)$ , a proposição acima garante a existência de um elemento  $\psi$  de ordem  $2N$  (uma raiz primitiva  $2N$ -ésima da unidade).

## References

- [1] Joachim von zur Gathen and Jürgen Gerhard. *Modern Computer Algebra*. 3rd. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- [2] Syed Mahbub Hafiz et al. “Incompleteness in Number-Theoretic Transforms: New Trade-offs and Faster Lattice-Based Cryptographic Applications”. In: *2025 IEEE 10th European Symposium on Security and Privacy (EuroS&P)*. 2025, pp. 565–584. DOI: [10.1109/EuroSP63326.2025.00039](https://doi.org/10.1109/EuroSP63326.2025.00039).
- [3] Matthias J. Kannwischer. “Polynomial Multiplication for Post-Quantum Cryptography”. Master’s Thesis. Tallinn University of Technology, 2018.
- [4] Patrick Longa and Michael Naehrig. “Speeding up the Number Theoretic Transform for Faster Ideal Lattice-Based Cryptography”. en. In: *Cryptology and Network Security*. Ed. by Sara Foresti and Giuseppe Persiano. Vol. 10052. Lecture Notes in Computer Science. Cham: Springer International Publishing, 2016, pp. 124–139. ISBN: 978-3-319-48964-3. DOI: [10.1007/978-3-319-48965-0\\_8](https://doi.org/10.1007/978-3-319-48965-0_8). URL: [https://link.springer.com/10.1007/978-3-319-48965-0\\_8](https://link.springer.com/10.1007/978-3-319-48965-0_8).
- [5] Henri J. Nussbaumer. *Fast Fourier Transform and Convolution Algorithms*. 2nd ed. Springer Berlin, Heidelberg, 1982.
- [6] Alan V. Oppenheim and Ronald W. Schafer. *Discrete-Time Signal Processing*. 3rd. Prentice Hall, 2009.
- [7] Thales B. Paiva et al. *Faster amortized bootstrapping using the incomplete NTT for free*. IACR Cryptology ePrint Archive, Report 2025/696. 2025. URL: <https://eprint.iacr.org/2025/696>.
- [8] Ardianto Satriawan, Rella Mareta, and Hanho Lee. “A Complete Beginner Guide to the Number Theoretic Transform (NTT)”. In: *arXiv preprint arXiv:2307.01944* (2023).